



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

*REFLEXÕES SOBRE AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SEPARADAS POR  
SEXO E MISTAS A PARTIR DA VIVÊNCIA NO PIBID E.F. FURG*

Jonathan T Corrêa<sup>1</sup>

Luana Nunes<sup>2</sup>

Billy Graeff<sup>3</sup>

**RESUMO:** Neste artigo abordamos as questões sobre aulas mistas e separadas por sexo na Educação Física escolar a partir de nossa experiência como docentes bolsistas do PIBID. Analisamos textos de autores da área que abordam esse tema e sobre questões envolvidas como gênero, sexismo e relação cultural - biológico. A partir de uma visão do materialismo histórico dialético chegamos à conclusão de que a separação por sexo nas aulas é mais uma forma que contribui para divisão social e deve ser evitada.

**Palavras-chave:** Educação física escolar. Aulas mistas. Aulas separadas por sexo.

*REFLECTIONS ON PHYSICAL EDUCATION CLASSES SEPARATED BY SEX AND  
MIXED FROM THE EXPERIENCE IN PIBID P.E. FURG*

**ABSTRACT:** In this article we deal with questions about classes mixed and separated by sex in Physical Education from our experience as faculty fellows PIBID. We have analyzed texts by authors from the area investigated this issue and issues involved such as gender, sexism and cultural - biological relationship. From a view of historical and dialectical materialism we came to the conclusion that separation by sex in the classroom is another way that contributes to social division and should be avoided.

**Keywords:** Physical education. Mixed classes. Classes separated by gender.

*REFLEXIONES SOBRE LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA SEPARADOS POR  
SEXO Y MIXTAS A PARTIR DE LA EXPERIENCIA EN PIBID E.F. FURG*

**RESUMEN:** Neste artículo tratamos de cuestiones sobre las clases mezcladas y separadas por sexo en la Educación Física a partir de nuestra experiencia como profesores becarios del PIBID. Analizamos textos de autores del área de investigaciones sobre este tema y los aspectos relacionados, como el género, el sexismo y relación cultural - biológico. Desde un punto de vista del materialismo histórico y dialéctico, llegamos a la conclusión de que la separación por sexo en el aula es otra forma que contribuya a la división social y debe ser evitado.

**Palabras clave:** Educación física. Clases mixtas. Clases separadas por sexo.

## INTRODUÇÃO

<sup>1</sup> E-mail: jonathterrac@hotmail.com.

<sup>2</sup> E-mail: luana.luluca.nunes@hotmail.com

<sup>3</sup> E-mail: billygraeff@gmail.com



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*REFLEXÕES SOBRE AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SEPARADAS POR  
SEXO E MISTAS A PARTIR DA VIVÊNCIA NO PIBID E.F. FURG*

Elaboramos este artigo a partir de nossa atuação na escola como docentes bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Fazemos parte do subprojeto da Educação Física e atuamos, juntamente com um professor supervisor, em uma escola pública de ensino fundamental da cidade de Rio Grande/RS. Cada bolsista fica encarregado por uma turma por semestre. O que nos levou a discutir o assunto deste artigo foi a diferença entre as turmas que ficamos encarregados: uma turma de sétima série é separada por sexo enquanto a outra é mista, lembrando que o turno da aula de Educação Física não é o mesmo das outras disciplinas nesta escola.

A questão não é o porquê destas turmas especificamente terem essa diferença, mas esse fato nos levou a pesquisar sobre a separação por sexo nesta disciplina. Na leitura de textos que abordam esse tema encontramos no eixo das discussões questões que ajudam a compreender essa situação como conceito de gênero, o que se entende por sexismo e a relação cultural e biológico.

O subprojeto da Educação Física do PIBID é embasado no materialismo histórico dialético, uma concepção filosófica baseada em Karl Marx (ANDERY, 1988) e na pedagogia histórico-crítica (SAVIANI, 2009). Para Marx o conhecimento científico envolve uma compreensão do mundo que implica uma prática que deve servir para promover meios para modificar o mundo (ANDERY, 1988). O materialismo se opõe ao idealismo sendo que no idealismo é dado mais valor aos pensamentos do que à realidade enquanto que o materialismo parte do concreto para explicar a realidade (ANDERY, 1988). Dessa forma, de acordo com o pensamento materialista, para se compreender a realidade deve-se compreender a realidade concreta. Para Marx a realidade não é estática, mas sim dialética por estar sempre em contradição e os resultados dessas contradições são o que fazem a realidade não permanecer estática (ANDERY, 1988).

Saviani utiliza a concepção dialética de Marx. Dentro da pedagogia histórico-crítica Saviani defende uma pedagogia diferenciada da tradicional e da escola nova. O método tradicional é considerado mecânico, repetitivo e desvinculado das razões que o justificam. A escola nova é centrada na iniciativa dos alunos e troca de conhecimentos, tendo a função de reintegrar alguém rejeitado pela sociedade e pelo sistema escolar; criticada por acabar favorecendo a classe dominante. Na pedagogia proposta por Saviani deve ser mantido um vínculo entre educação e sociedade, sendo tanto o aluno quanto o



professor agentes sociais. Ele faz uma divisão em 5 momentos onde no final esse objetivo seria atingido.

A partir desse embasamento entendemos que nosso papel como professor é não só transmitir conhecimentos mas também problematizar e promover reflexões a cerca de dificuldades encontradas na realidade do aluno, promovendo o entendimento de que ele é um agente social capaz de intervir no meio que vive.

### **GÊNERO E SEXISMO: APRESENTANDO OS CONCEITOS**

Visamos aqui, apresentar alguns conceitos sobre gênero e questões sobre o sexismo devido às inúmeras abordagens desses termos nos textos referentes ao assunto de aulas mistas ou separadas por sexo. Encontramos diversas dúvidas na nossa leitura ao não dominarmos esses conceitos, por isso aqui buscamos apresentá-los por serem indispensáveis no assunto.

O conceito mais encontrado sobre gênero é o que está no dicionário crítico de Educação Física, que faz um diálogo com vários autores. Nele, gênero é uma categoria analítica e política que evidencia masculino e feminino como construções sociais e históricas. (GOELLNER apud JESUS e DEVIDE, 2006, p, 124). Segundo Luz Júnior apud Jesus e Devidé são encontradas confusões conceituais com relação ao termo gênero em teses e dissertações defendidas entre as décadas de 80 e 90 (2006, p. 125). As confusões encontradas eram que muitas vezes o gênero era tratado como sinônimo de sexo, mas constatamos através dos textos pesquisados que gênero é determinado culturalmente enquanto o sexo biologicamente. De acordo com Marimon e Romão (2009) e Goellner (2001), discussões sobre gênero surgem na década de 70 fruto do movimento feminista que teve início no final da década de 60, tendo como objetivo a igualdade de direitos entre os sexos em diversos setores sociais. Até a década de 80 isso não era discutido na Educação física, a partir daí começa a ser abordado esse tema com o surgimento da teorias críticas e passa a ganhar força na década de 90 com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB). A LDB não aborda diretamente essa questão enquanto os PCN's indicam que as aulas sirvam para a discussão sobre gênero problematizando os preconceitos gerados a partir



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**REFLEXÕES SOBRE AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SEPARADAS POR  
SEXO E MISTAS A PARTIR DA VIVÊNCIA NO PIBID E.F. FURG**

desses (DORNELLES e FRAGA, 2009, p. 142-144).

Chan-Vianna et al. (2010) encontrou nas análises feitas em trabalhos sobre gênero a esportivização como principal culpada pelo sexismo nas aulas. Ele explica sexismo como a separação entre os sexos, se baseando em Pereira (2004) e ressaltando que das obras analisadas esta foi a única que explicava esse conceito, mesmo sendo apenas em uma nota de rodapé. Outros autores falam sobre essa questão, onde podemos observar que é o entendimento da divisão dos sexos. Quanto a essa divisão, Corrêa (2004) utiliza Marx e Engels para explicar sexismo:

O sexismo é um fenômeno que Marx e Engels - em obras clássicas como a "Ideologia Alemã"; "A origem da família, da propriedade privada e do Estado" e no "Manifesto do Partido Comunista" – definem como divisão de classe pelo sexo e que esta na base da divisão social. Segundo Engels (1986) a primeira divisão de classes que apareceu na história da humanidade seria representado pelo "desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino" (p. 104).

"A ascensão da mulher ao mundo do trabalho não supera o sexismo, pois mesmo ocupando funções equivalentes às dos homens, tem uma remuneração inferior" (CORRÊA, 2004, p. 2). Essa diferença de tratamento, entre homens e mulheres é o que se entende por sexismo e que é determinado pelas condições biológicas (sexo) ou por gênero (CORRÊA, 2004, p2). Historicamente, para o grego antigo, "o homem é criação da Mãe Terra a Gaia, o que justificaria a existência do matriarcado em alguns povos antigos". "O sexismo também está presente na mitologia Judaico-cristã, pois é a mulher que conduz o homem ao pecado, levando-os aos castigos divino".(CORRÊA, 2004, p. 2) No que se refere à iniciação esportiva o sexismo está presente no discurso que os meninos tem a preferência pelas atividades que exigem mais força física, enquanto as meninas escolhem as que valorizem a apreensão. Também no que se refere ao sexismo, como forma de discriminação da mulher na iniciação esportiva, vem crescendo iniciativas de aulas de Educação Física Escolar mistas, o que não ocorre nas "escolinhas" (CORRÊA, 2004, p.6).

A partir destas questões entendemos que o sexismo na sociedade reflete na escola e origina a separação por sexo nas aulas de Educação Física, mas isso é algo contestado, principalmente no ponto de vista do materialismo histórico dialético.



## **CULTURAL OU BIOLÓGICO: QUAL O MAIS INFLUENTE NA QUESTÃO DE GÊNERO?**

Durante as aulas de Educação Física podemos observar algumas relutâncias em relação às atividades propostas em aula. Muitas vezes, isso acontece pela questão dos alunos estarem acostumados a receberem uma aula onde a Educação Física é confundida com esportes, mas em outras vezes essa negatividade com as aulas, quando são trabalhadas atividades diferentes, vem de questões históricas, políticas e biológicas impostas à sociedade desde muitos anos.

Mesmo antes de nascer, os pais criam uma expectativa relacionada a várias condicionantes sociais, como gostos, escolaridade, maneiras de agir dos filhos. Uma dessas condicionantes é o sexo, pois as crianças deverão se vestir com a cor “ideal”, brincar com os jogos e brinquedos “apropriados”, e deverão se comportar segundo os padrões estabelecidos pela sociedade para seu sexo (aula mista ou separada por sexo). É desta forma que as crianças aprendem a reproduzir como devem desempenhar os papéis que lhes são dados e que devem exercer, demonstrando, assim, o quanto já aprenderam e o quanto percebem das expectativas dos adultos.

Historicamente podemos afirmar que a mulher demorou a se inserir nas práticas esportivas, no início ela participa como uma simples espectadora, e até mesmo no meio escolar que quando alcança esses conhecimentos ganha uma educação diferenciada que respeite sua feminilidade. Para a mulher é atribuída a questão de fragilidade. Nos períodos colonial e imperial “a educação da mulher é voltada aos afazeres domésticos como cozer, lavar e fazer renda” (TALES, 1993 apud CORRÊA, 2004, p. 3). Quando a mulher enfim conquista o direito de participar de equipes e é considerada como atleta podendo assim participar de disputas oficiais, uma avalanche de preconceitos cai em cima delas. Podemos citar como a principal a questão de associar a mulher que pratica esportes como masculina, que perde seus traços femininos e suas utilidades domésticas. Em geral, na sociedade conservadora da época a mulher que se agrega aos esportes não é bem vista. Corrêa (2004), nos trás mais informações do assunto:



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**REFLEXÕES SOBRE AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SEPARADAS POR  
SEXO E MISTAS A PARTIR DA VIVÊNCIA NO PIBID E.F. FURG**

Mesmo que na antiguidade grega espartana existisse uma Educação Física feminina rigorosa com vestígios de existência de competições nas quais as mulheres disputavam juntamente com os homens, a elas, entretanto, não eram permitido participarem dos Jogos Olímpicos Antigos. Já o Barão Pierre de Coubertin, ao fundar os Jogos Olímpicos Modernos, revive essa tradição grega, negando a “participação feminina nas competições olímpicas por considerar que o esporte trabalhava características indesejáveis para a mulher” (Tamburrini, 2003). Os argumentos, utilizados para excluir a mulher da prática esportiva, seriam pautados na “superioridade” biológica dos homens e justificados pelos estudos das ciências positivas (Soares, 2001).

Mas também não podemos abordar a questão da opressão da história falando apenas das mulheres, pois estaríamos tornando-as vítimas da sociedade e fechando nossos olhos para a outra metade, os homens. Na história o homem também é oprimido e muito exigido pela sociedade e quando não supera essas expectativas também sofre de preconceito. É dele o máximo desempenho esperado nas fábricas e acima de tudo nas guerras, e para serem preparados para isso recebem uma educação mais dura. Os homens são preparados para o desenvolvimento da disciplina e do aprimoramento das habilidades corporais, também historicamente impostos a eles, como cita Corrêa "os homens são educados para assumirem funções de lideranças, enquanto as mulheres são educadas para ocupar espaços subordinados" (2004, p.2).

Quando se refere ao político podemos afirmar que este impediu por muito tempo a inserção das mulheres nos esportes oficiais. Com isso, por muito anos as mulheres praticavam esportes mas não eram reconhecidas como atletas. Assim como cita Corrêa:

Em muitas modalidades esportivas ascendentes no século XX, às mulheres não tinham acesso legal, pois segundo Castelani Filho (2003), na deliberação do Conselho Nacional de Desporto (CND) de 1965, à mulher “não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball” (2004, p. 63)

Quando entramos no assunto da questão biológica como influência das questões de gênero que observamos nas aulas, pode-se dizer que tocamos em um assunto muito polêmico e discutido no ramo da Educação Física. Muitos são os que defendem que existe uma “superioridade” biológica dos homens em relação as mulheres nas práticas de Educação Física, que embasados nesse ideal ou excluem as meninas vistas como "sexo frágil", ou excluem práticas a serem trabalhadas nessas aulas com a fixa idéia de que os homens são superiores as mulheres e que não se deve utilizar um esporte visto



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**REFLEXÕES SOBRE AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SEPARADAS POR  
SEXO E MISTAS A PARTIR DA VIVÊNCIA NO PIBID E.F. FURG**

como masculino pois afastaria as meninas. Com essa visão de maior facilidade para trabalhar conteúdos marcados pela brutalidade, confronto e contato físico forte com os meninos, os professores acabam contribuindo para exclusão dos alunos que não estão adaptados a isso. Por exemplo, em um jogo de futebol onde existe a possibilidade de uma criança sair machucada, a atividade é direcionada aos meninos que são vistos como mais preparados biologicamente para esse tipo de esporte. Mas, uma vez que o professor decide trabalhar com dança as meninas que passam a ter "superioridade" biológica pela facilidade com esses movimentos e a flexibilidade exigida.

Goellner (2001) também identifica as confusões que existem entre gênero e sexo, tratados como sinônimo em alguns trabalhos, o que acaba atrapalhando os estudos nesse campo. Podemos identificar esse pensamento no seguinte trecho:

Mais que uma definição simplista essa é uma definição absolutamente equivocada pois ao contrário do que historicamente a produção teórica de "gênero" vem evidenciando, nestes trabalhos se privilegia o determinismo biológico onde gênero masculino e feminino não são observados como socialmente construídos mas significando, simplesmente, sexo masculino e feminino. Creio que esses trabalhos não apenas apresentam uma apropriação inadequada do termo "gênero" como depreciam nossa produção acadêmica posto que revelam um absoluto desconhecimento do que, desde os anos 80 se vem produzindo nesse campo. (GOELLNER, 2001, p.218-219)

Para Abreu apud Jesus e Devidé (2006) o principal motivo para a separação por sexo é a falta de habilidade das alunas e isso se deve ao tratamento que meninos e meninas recebem desde que nascem. Ou seja, a separação nas aulas se deve ao processo cultural, o que nós identificamos como gênero, de acordo com as produções que analisamos. Mas deve-se ressaltar que o gênero está diretamente ligado ao sexo, apesar de não serem sinônimos, pois "[...] não podemos desconsiderar que o "gênero" contém uma dimensão biológica." (GOELLNER, 2001, p. 218)

## **OS PRÓS E OS CONTRAS DAS AULAS MISTAS E SEPARADAS**

Quando um professor chega a escola para trabalhar a Educação Física com os alunos já é imposto a ele se as turmas que ele vai trabalhar é mista ou separada por sexo, sendo mista caberá a ele decidir como ministrar suas aulas. Para Corrêa a superação de



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**REFLEXÕES SOBRE AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SEPARADAS POR  
SEXO E MISTAS A PARTIR DA VIVÊNCIA NO PIBID E.F. FURG**

atitudes sexistas é um desafio para os educadores críticos. Em sua pesquisa realizada em escolas públicas ele constatou que mesmo em aulas mistas ocorre separação de grupos de mesmo sexo, por exemplo, com meninos jogando futebol e meninas jogando vôlei (CORRÊA apud CORRÊA, 2004, p.4). Essa é uma constatação corriqueira em aulas mistas. Também encontramos essa questão nos trabalhos de Jesus e Devidé (2006) e Dornelles e Fraga (2009). O que podemos observar das aulas de Educação Física escolar em relação ao sexo dos alunos é que podem ser separadas por sexo, mistas ou mistas em regime de co-educação. As aulas separadas por sexo podem ter o mesmo professor para as duas metades da turma em horários diferentes, ou até mesmo um professor para cada. Com relação à aula mista em regime de co-educação, Dornelles e Fraga (2009, p.47) destacam que são termos comumente confundidos, tratados como sinônimos. Eles explicam a diferença, baseados em autores da educação e da Educação Física:

[...] as aulas mistas envolveriam apenas questões de distribuição e organização de meninos e meninas de forma conjunta no espaço escolar, isto é, apenas a mistura de meninos e meninas. Já o ideal de co-educação objetiva problematizar as relações de gênero, objetivando uma compreensão da construção cultural das diferentes posições de poder ocupadas pelo feminino em relação ao masculino e vice-versa na nossa sociedade, assim como tenta reverter ou minimizar algum tipo de hierarquia entre esses pólos. (DORNELLES e FRAGA, 2009, P.147)

Os autores ressaltam que para haver regime de co-educação é necessário aula mista, mas em uma aula mista não significa haver co-educação (DORNELLES e FRAGA, 2009, p.147). Rodrigues e Pereira (2006) não se referem a esse termo, mas ao tratar de aulas mistas deixam clara essa idéia de refletir sobre gênero, encontrada no discurso de co-educação. Esses autores também destacam essa diferença entre uma aula mista em que a prática docente seja de forma igual para meninos e meninas para uma que não seja, havendo até mesmo uma separação temporal dentro da aula (RODRIGUES e PEREIRA, 2006, p.151).

Podemos observar que "a habilidade motora é levada muito em conta no contexto lúdico das crianças. A maioria dos meninos considera as meninas menos habilidosas e são menos tolerantes com elas." (DORNELLES e FRAGA, 2009, p1). Esses autores ainda citam que para alguns professores as justificativas das aulas separadas são: a diferença de habilidade entre meninos e meninas (localizando as



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**REFLEXÕES SOBRE AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SEPARADAS POR  
SEXO E MISTAS A PARTIR DA VIVÊNCIA NO PIBID E.F. FURG**

meninas como inferiores aos meninos, segundo uma pesquisa do autor Mauro Louzada (2006)); maior facilidade para trabalhar conteúdos marcados pelo confronto e pelo contato pessoal e que sejam próprios do universo feminino ou masculino. Souza e Atmann (1999, p.63) apud Rodrigues e Pereira (2006, p. 6)

alertam sobre a estratégia de determinar que um gol só possa ser efetuado após todas as meninas terem tocado a bola, ou autorizar apenas as meninas a marcá-los, ou seja, adaptar regras em favor das meninas pode solucionar um problema e criar outros, pois “quebram a dinâmica do jogo e, em última instância, as meninas são as culpadas por isso, pois foi para elas que as regras foram modificadas”.

Uma outra justificativa para a separação que tem força no cenário da Educação Física citado por Dornelles e Fraga (2009), é o propósito do rendimento nas aulas dessa disciplina. “A razão principal desta constatação é que há uniformidade de interesses, habilidades e valências físicas [na separação entre meninos e meninas]” (LOUZADA, 2006 apud DORNELLES e FRAGA, 2009).

Essa é uma das principais questões que envolvem o meio da Educação Física quando se refere a aula mista ou separada por sexo. Podemos observar isso quando introduzimos nas aulas atividades competitivas, é óbvio que para vencer terá que haver um time forte dependendo da atividade irá exigir velocidade, agilidade e força, e quando se refere a isso fatores acontecem que enfatizam essa divisão como por exemplo os meninos não querendo escolher meninas para seu time ou a exclusão das meninas por elas mesmos. O que deve partir do professor é uma atitude que repudie essa exclusão e que introduza a suas aulas formas de se desmitificar esses ideais. Sobre esse assunto Dornelles e Fraga (2009) dizem:

Com base nos vários estudos realizados sobre as relações de gênero nas atividades motoras (ABREU, 1993; SOUZA, 1999; ALTMANN, 2002; SPINELLI, 2003; PEREIRA, 2004), as aulas mistas de Educação Física devem, acima de tudo, estimular debates entre alunos e professores sobre o que pensam da divisão por sexo nas aulas, fazendo com que as crianças e jovens percebam muito mais semelhanças do que diferenças entre eles (as). As referidas aulas podem proporcionar um novo olhar sobre o assunto, contribuindo para uma reflexão sobre o relacionamento entre eles nas aulas práticas de Educação Física, o que leva, também a refletir fora delas.

Acreditamos que realmente as semelhanças devem ser abordadas, mas é fundamental que as diferenças também sejam, pois elas não podem ser negadas e sim



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**REFLEXÕES SOBRE AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SEPARADAS POR  
SEXO E MISTAS A PARTIR DA VIVÊNCIA NO PIBID E.F. FURG**

refletidas. Muitos autores citam que quando passamos pelo processo de inserirmos nas aulas a iniciação esportiva os meninos tem tratamento diferenciado das meninas devido a sua maior competitividade e interesse. Mesmo em escolas que possibilitam o ensino da Educação Física em turmas mistas, é comum, durante as aulas, os estudantes serem divididos em grupos do mesmo sexo onde geralmente podemos observar meninos no meio da quadra jogando futebol enquanto as meninas procuram outras atividades ou nem isso, apenas sentam em um canto para conversar. Ou seja, mesmo as escolas e professores que tem a política de não separar as aulas acabam muitas vezes inconscientemente incentivando essa prática, pois "não basta montarmos turmas mistas, se os professores não respeitarem os interesses de ambos os gêneros." ( CORRÊA, 2004, p.8). Ele defende que isso ocorre principalmente pela escolha de conteúdos:

Mesmo em aulas mistas, as diferenças continuam existindo, porque geralmente os esportes presentes na escola são praticamente de interesses dos meninos (...)a escolha dos conteúdos esportivos nas escolas, são de interesse dos meninos e não das meninas, mesmo sendo as aulas trabalhadas com turmas mistas. Um fato observado, é que o conteúdo trabalhado, geralmente, é o futebol (interesse que no senso comum da sociedade sexista é próprio dos meninos) e o conteúdo raramente trabalhado a dança (interesse que no senso comum da sociedade sexista é próprio dos meninas).E mesmo quando a dança é oferecida, não é exigida a participação dos meninos, sendo que o inverso não ocorre no futebol.

Quanto ao quesito “vantagens da separação”, Mauro Louzada (2005) e Neíse Abreu (1995) apud Dornelles e Fraga (2009) apresentam a maior homogeneidade das turmas como um aspecto positivo, o que, conseqüentemente, aumenta as possibilidades de um trabalho pedagógico voltado para o treinamento. Essa questão debatida anteriormente de diferença de habilidade entre meninos e meninas acabaria, porém damos solução a um problema causando outro: a desigualdade, a separação pelo mesmo sexo, quando o professor com o intuito de acertar, se não conduzir muito bem esse trabalho pedagógico vai acabar com o mesmo problema. Como cita Neíse Abreu (1995) apud Dornelles e Fraga (2009) as desvantagens da separação são a falta de integração e o aumento da rivalidade entre meninos e meninas.

Outro questionamento que podemos fazer quanto ao fator influenciador da preferência de aulas mistas ou separadas por sexo é o da sexualidade. Quando meninos e meninas passam a enxergar o outro não só como um simples colega mas como alguém interessante nasce a questão de ter vergonha de fazer a atividade proposta pelo medo de



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**REFLEXÕES SOBRE AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SEPARADAS POR  
SEXO E MISTAS A PARTIR DA VIVÊNCIA NO PIBID E.F. FURG**

se expor a turma. Nessa fase quando surge a sexualidade é muito difícil de se trabalhar com esses adolescentes, uma das soluções encontradas em algumas escolas para tentar conter meninos e meninas e amenizar as preocupações de direção e professores foi a separação da aula por sexo. Acontece que a sexualidade continua se manifestando dentro dessas esferas criadas. De um lado temos vários meninos reunidos em um mesmo lugar, atrás do mesmo objetivo proposto pela atividade da aula, onde a sexualidade está presente à flor da pele na forma do receio ao toque do colega com a justificativa da masculinidade. Do outro lado, um monte de meninas vaidosas cada uma a seu jeito, que muitas vezes esnobam umas as outras usando como desculpa a popularidade que muitas vezes se manifesta com a maior feminilidade da colega.

Chan-Vianna et al. (2010) aponta que as pesquisas sobre gênero na educação física escolar, na maioria das vezes, acabam partindo do pressuposto de discriminação e sexismo nas aulas. O objetivo desses autores é dar continuidade à discussão sobre gênero na escola, realizando uma análise da produção acadêmica sobre o assunto. Eles criticam o esforço que há em perceber discriminação de gênero em qualquer fenômeno social (CHAN-VIANNA et al., 2010). Ou seja, muitos dos pesquisadores dessa área acabam começando a pesquisa já sabendo – ou achando que sabe – as respostas dos problemas, comprometendo a pesquisa. Chan-Vianna et al. (2010, p.155) destaca uma pesquisa de Duarte (2003) que logo no começo de seu trabalho parte do pressuposto de sexismo na escola a partir de uma única visita que fez, assim recaindo em uma simplificação do fenômeno. Eles ainda criticam os autores que defendem aulas com diversidade de conteúdos para que as meninas possam participar, assim sendo valorizados os de domínio feminino. A seguinte constatação deixa claro o pensamento dos autores:

Essa posição parece vitimista, pois se pensarmos a educação física escolar como espaço de apropriação da cultura do lazer, estaríamos preparando as meninas para continuarem despreparadas para ocupar os espaços valorizados dos jogos coletivos. Em outras palavras, poderíamos indagar: se a prática dos esportes coletivos é um instrumento de poder e as mulheres estão em minoria, não seria mais transformador insistir no ensino dessas modalidades para todas as meninas na escola? Não seria interessante trabalhar turmas separadas, para que elas se apropriassem melhor do conteúdo que as oprime? (CHAN-VIANNA ET AL., 2010, p. 156)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

***REFLEXÕES SOBRE AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SEPARADAS POR  
SEXO E MISTAS A PARTIR DA VIVÊNCIA NO PIBID E.F. FURG***

Esses autores procuram analisar as produções sobre gênero na educação física escolar com uma visão crítica, ressaltando os equívocos nessas produções que são principalmente o fato de buscarem encontrar o sexismo – sempre visto de modo negativo – a qualquer custo nas aulas. Eles ressaltam que, apesar da freqüente participação de mulheres em esportes como o futebol, as autoras pesquisadas tratam isso como um desvio que não é considerado (CHAN-VIANNA et al., 2010, p. 164).

Chan-vianna et al. (2010) não se coloca nem a favor nem contra aulas separadas, mistas ou com co-educação, mas sua pesquisa é importante para este trabalho, pois a análise realizada contribui para refletirmos sobre determinadas certezas que existem com relação a gênero, que contrapõem outras certezas mas acabam se colocando da mesma maneira, com olhar estagnado.

### **A IMPORTÂNCIA DE OBJETIVOS PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA.**

Houve uma vez em que um professor nos alertou do modo como a Educação Física é tratada, como por exemplo, se para um aluno do quinto ano, que está proposto no currículo que na matéria de matemática ele deverá aprender frações, ele deverá aprender frações. Porém digamos que o professor chega em aula para trabalhar essa atividade e o aluno se recusa a aprender alegando falta de interesse e dificuldade, se nesse caso o professor relevar e mudar o assunto da aula para satisfazer a maioria dos alunos, a direção da escola e até mesmo os pais irão procurar o professor para questioná-lo. Porém sabemos que muitos estudantes se formam no ensino médio sem nunca ter visto muitas das atividades que cabia a escola e ao professor de Educação Física com o seu papel de educador em suas aulas ensiná-los essas atividades muitas vezes contestadas.

Ao analisarem a produção dos intelectuais/educadores que defendiam a prática de exercícios físicos pelas mulheres no início do século XX, Goellner e Fraga (2004) sinalizam que a separação de meninos e meninas, nos momentos destinados aos exercícios físicos na escola, se dava em função de objetivos sociais diferenciados para esses sujeitos, para esses corpos, a partir de “proposições absolutamente naturalizadas e definitivas do que é ser homem e do que é ser mulher” (GOELLNER e FRAGA, 2004



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*REFLEXÕES SOBRE AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SEPARADAS POR  
SEXO E MISTAS A PARTIR DA VIVÊNCIA NO PIBID E.F. FURG*

apud DORNELLES e FRAGA, 2009, p.145), conseqüentemente, determinando práticas corporais diferenciadas (DORNELLES e FRAGA, 2009, p.145).

A separação por sexo é mais viável para aulas que buscam o rendimento físico, porém, a partir da concepção do materialismo histórico dialético, as aulas não devem ter esse caráter específico de rendimento mas sim contribuir para uma formação completa do aluno, buscando formar um cidadão consciente que não só faz parte da sociedade mas que também pode intervir nela.

## **CONCLUSÃO**

Entendemos que nosso papel como professor é desconstruir a ideia de que gênero seja motivo para separação ou superioridade de algum lado. Não podemos ter o pensamento de buscar um culpado para os problemas da questão de gênero, acusar o cultural ou o biológico, e sim problematizar essas questões para que se possa quebrar com esses tabus impostos pela sociedade e trabalhar juntamente com outros professores de Educação Física e os alunos em aula.

Portanto, a partir do materialismo histórico dialético, chegamos à conclusão que as aulas separadas por sexo devem ser evitadas. Devemos confrontar o sexismo como base para a organização das aulas de Educação Física. Entendemos que não cabe haver diferenciação na prática corporal entre os sexos nas aulas visto que isso implica em dar continuidade a algo que contribui para a divisão social.

A partir de nossa experiência e leituras como bolsistas do subprojeto PIBID da Educação Física, compreendemos que se deve instigar reflexões e promover problematizações a fim de superar preconceitos decorrentes da questão da divisão por sexo. Dessa forma entendemos que são mais apropriadas aulas mistas, pois a separação entre os sexos é mais uma forma que contribui para a divisão social e legitima as diferenças como algo dado e natural sem que haja reflexões sobre o porquê delas e como superá-las.

## **REFERÊNCIAS:**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

REFLEXÕES SOBRE AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SEPARADAS POR  
SEXO E MISTAS A PARTIR DA VIVÊNCIA NO PIBID E.F. FURG

ANDERY, Maria Amalia ET alii. **Para Compreender a Ciência**: uma perspectiva histórica. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

CHAN-VIANNA, A. J. et al. Educação Física, gênero e escola: uma análise da produção acadêmica. **Movimento**, vol. 16, núm. 2, abril-junio, 2010, pp. 149-166. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.

CORRÊA, I.L.S. *Co-educação na iniciação esportiva: o sexismo em questão*. **Anais do 2º Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte**. Criciúma: CBCE/UNESC, 2004.

DORNELLES, P.G.; FRAGA, A.B. Aula Mista Versus Aula Separada? Uma questão de gênero recorrente na educação física escolar. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física** – ISSN 2175-8093 – Vol. 1, n. 1, p.141-156, Agosto/2009.

GOELLNER, Silvana V. "Gênero, Educação Física e esportes: do que falamos quando em gênero falamos?" In: VOTRE, Sebastião; MOURÃO, Ludmila (Orgs.). **Imaginário & representações sociais em Educação Física, esporte e lazer**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2001. p. 215-228.

JESUS, Louzada de. DEVIDE, Fabiano Pries. Educação física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. **Movimento**, Porto Alegre, v.12, n. 03, p. 123-140, set/dez 2006.

MARIMON, T. E. M.; ROMÃO, J. E. Educação Física e Relações de Gênero. **Cadernos de Pós-Graduação** – Educação, São Paulo, v.8, p.13-25, 2009.

RODRIGUES, Young Guimarães; PEREIRA, S. A. M. Educação Física escolar: aula mista ou separada por sexo?. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 7**, 2006, Florianópolis. Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: gênero e preconceitos. Florianópolis: Editora Mulheres, 2006.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. 41. ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

Recebido em: 30/04/2012

Aprovado em: 10/05/2012